

O DEBATE

ANNO I — N 2

RIO, 19 de Julho de 1917

DIRECTORES : — Adolpho Porto e Astrojildo Pereira

Redacção e Administração :

RUA DA ALFANDEGA N. 42 — 2º andar

Assignatura — anno 5\$000

Numero avulso 100 rs.

EM 1918



A "GLOBO"

SOCIEDADE DE SEGUROS DE VIDA

Séde : URUGUAYANA, 47 — Rio de Janeiro

SEIS MILHÕES DE PEZETAS

A «GLOBO» resolveu interessar gratuitamente na proxima LOTERIA DO NATAL DE HESPAÑA os socios que se inscreverem até 30 de Novembro do corrente anno.

As inscripções nas séries de 10, 20, 30 e 50 contos dão direito a um cartão com 1, 2, 3 ou 4 numeros respectivamente. Por cada mil numeros assim obtidos comprará «A GLOBO» um bilhete inteiro da referida Loteria.

Se um desses bilhetes for contemplado com o premio maior de pezetas 6.000:000, far-se-á a seguinte distribuição :

Pezetas 1.500.000 ao socio, cuja centena fôr igual à obtida com a somma dos 1^a, 2^o e 3^o premios d'essa Loteria;

Pezetas 675 aos 9 soclos, cuja dezena fôr igual á do premio anterior;

Pezetas 825 aos 990 socios restantes dos mil para quem foi comprado o bilhete.

E' condição indispensavel que a joia esteja integralizada até o dia 30 de Novembro de 1917.

FALSIFICADO RES DE PATRIOTISMO

Anda por ahí um prurido de patriotismo; a regeneração do paiz pretendem-na efectivada com o culto cívico do amor ao Brazil.

Muito bem! Como, porém, levar a termo esse almejo? Pela pregação da idéa de Patria por individuos que a não amam e tem dado exemplo de desentranhado egoismo? Pela exhibição ruidosa de sentimentos nacionalistas através fardetas brunidas é bem talhadas que especialisam uma classe de soldados dentro de corpos onde a disciplina não admite diferenças?

Não se toleram, em torno da Patria, as preocupações com que alguns querem dar na vista e fazer gala de notoriedade; a Patria é nume sagrado que merece veneração e respeito e não pode estar á mercê de pantomínicos e palhaçadas.

Ninguém tem o direito de se aproveitar do nome do torrão e profanar-o na logorréa de arengas encomendadas ou nos pavoneios de uni' formes que assignalam uma função elevada.

Não é assim que se ama á Patria. O patriotismo não consiste no tagarelar dos discursadores ou no empertigamento de elegantes de monoculo metidos em perneiras lustrosas; reside no acto e no exemplo, no aneio de trabalhar desapegadoamente pelo bem geral, no proposito de jamais fazer aproveitamentos das coisas nacionaes.

Chama-se Caxias, correndo a se bater pela sua terra quando a gloria já não tinha mais laureis com que enflorar a sua cabeça coroada de triumphos. Chama-se Greenhalg defendendo com a vida, sem empáfias nem reclamos, a honra da bandeira brasileira. Chama-se Paranhos, chama-se Nabuco feitos dedicação a limpar do solo nacional a nodoa da escravidão. Chama-se Buarque de Macedo subindo á governança, não se enriquecendo dos cargos e morrendo pobre, sem dinheiro sequer para o mais modesto enterramento. Chama-se Bernardo Vasconcellos, chama-se Antonio Carlos, («ne confundetur», o da Regencia), chama-se Evaristo, chama-se Feijó, chama-se Barroso, chama-se Deodoro, chama-se Vaarnaghen, chama-se Teixeira de Freitas, chama-se Silva Jardim, em suma, é a idéa feita acção, posta em obra no escopo exclusivo de trabalho, no visio acerado do engrandecimento da terra querida.

Mas o patriotismo daquelles que só se movem procurando auferir proventos do Estado, que não se agitam sem um calculo, que contam a placidez da vida á custa do erario—ah! — tal patriotismo é a mascarada hipocrita de meia duzia de interesseiros que levam a chuchar de seus concidadãos.

Não vemos o patriotismo nos pregoeiros inflados que remoem lastimas ás administrações, censuram a inercia ou a indiferença cívica de seus conterraneos e vivem parasitariamente dos lucros de situações de arranjo a que, aliam, ás vezes os fructos de sinecuras. Não vemos o patriota no berrador mitrado que, no parlamento ou na imprensa, na cathedra ou no comicio, apoda governos e instituições e só cogita de arrumar-se e aos seus com os maiores prejuizos á lei e ao erário. Não vemos o patriota no tipo velhacaz que vai á administração, prepara regulamentos pessoais, monta colocações em beneficio proprio, canaliza os cofres publicos para sua bolsa, através empregos que envolvem grandes maquias, e, sempre no gozo da suas malandragens, com a audacia de cabotineiro, dicta ensinamentos, tenta orientar a opinião, tomando posturas que os parvos aplaudem sem perceberem os planos que se occultam nesses gestos, precursores de gordas batotas.

Não vemos o patriota no discursador arremessivo que seduz as massas incitando-as a seguir-lhe conselhos, tomar-lhe as observações quando ele não passa de um intrução que conseguiu armar-se, viver bem, enriquecer sacrificando as camadas e escarnecendo do povo em transacções de politiqueira irritante.

Não vemos os patriotas nos falsos apóstolos das liberdades que calcam as postergações do direito toda a vez que os governos lhes proporcionam vantagens e, de incoerencia em incoerencia, sem um centro desfitavel de principios, desenvolvem a mais nociva palração, preparando terreno ás mais desmesuradas vaidades e mais corruptoras ambições.

O patriota está lá no pobre moirador que a oito caminha no trabalho honrado, regando a terra, movendo a officina, solancando a ferragem com que produz, com que é util ao territorio onde nasceu. O patriota está no abnegado, que sem tramoias, sem espertezas, sem transacções, com o seu labor diario dota o paiz da industria lucrativa que desenvolve as actividades e

melhora as condições da vida. O patriota está no heroe que, despojado de futilidades e basofias, sacrifica-se em holocausto pela honra nacional. O patriota não quer a emenda orçamentaria que cria a sinecura nem ambiciona a função publica para ganhar sem comparecer á repartição. O patriota não se apresta em usurpar o tesouro fazendo-se fornecedor ganancioso do Estado, nem em requintes de desonestidades, se apodera das cousas publicas. O patriota não busca a aposentadoria ilegal ou a lei de favor, nem passa a existencia cevando-se das verbas especiaes com que os bandarras comparsas lhe subsidiam os arranjos indecorosos. O patriota aspira somente o progresso do paiz, longe da velhacaria, da indolencia, do sofisma, da mentira, do cambalacho, e da algeibeiranga.

Eis porque não valem á compita de civismo essas ostentações de uniformes pelas ruas da cidade, obtendo um desejo espectacular contraste a qualquer aneio de servir á causa da Patria. Muitos desses cidadãos que se emolduram por elegancia numa farda de soldado, fogem de se nivelar á praça que monta guarda, faz a fachina, é ordenança e torna-se o impedido do official.

O patriotismo dos individuos que só miram tirar partido sob pretexto de qualquer evangelização calculada ou atitudes premeditadas á custa da Terra-Patria jamais devemos levar a serio, consideral-o com acatamento; os sentimentos e gestos que alardeiam ou desenvolvem pessoas que costumam se locupletar do erario por meio do embuste ou do arranjo, são como aquellas expansões do fariseu que Rabino vergastava nas suas arengas á plebe de Galiléa.

Para esses patriotas de comedia, o ridiculo; maisnemol-os que não passam de umas figuras sombreadas, incapazes de uma dedicação perseverante á terra generosa, encravada á roda do infortunio a que a arrastam nulidades ambulantes, audaciosamente requintando a ganancia de ambições vertiginosas!

O patriotismo não é, nem pode ser proveito para ninguém; é desinteresse, é desprendimento, é amor, é sacrificio! Só assim, é que atingiremos ao sumo bem do torrão onde nascemos!

Rio, Julho, 917.

THEODORO MAGALHÃES.

As fitas do Sr. Beserra

O que nos disse um desiludido da divisa -- "Rumo ao campo!"

Já ha tempos o Sr. Josá Beserra fez inserir na imprensa um aviso permanente, em que se promette o auxilio do Ministerio da Agricultura aos trabalhadores da cidade que queiram ir para o campo, a applicar a sua actividade na vida agricola.

Diante de promessa tão tentadora, muitos têm sido os operarios que, desocupados no momento ou querendo fugir das officinas amiquilladoras da industria, vão procurar o auxilio governamental, no intuito de se entregarem ao cultivo da terra.

Entre esses pedidos do auxilio prometido conta-se o que foi feito pelo Centro Cosmopolita, associação de empregados em hotéis, restaurantes, bars, etc, em favor de alguns dos seus socios, que se dispunham a abandonar o Rio e a seguir para a lavoura.

O Sr. Josá Beserra recebeu o officio do Centro Cosmopolita com grande effusão dalma, segundo mandou publicar pelos jornaes seus affectos. O pedido seria attendido com a maior solicitude, visto que o governo, pelo orgam natural do Ministerio da Praia Vermelha, tem especial empenho em encaminhar para a agricultura os sem trabalho, com o que pretende matar dois coelhos de uma só cajadada: dar combate ao «chômage» e incentivar o desenvolvimento das fontes agricolas do paiz. . .

O Centro Cosmopolita recebeu um longo officio da repartição beserril, no qual officio se estipulavam as condições da ajuda prometida pelo governo.

Essa ajuda é a seguinte:

a) um lote, a pagamento por prestações, de terra inculca e virgem, em pleno matto;

b) passagens para todos os pretendentes desde o Rio até ao referido lote;

c) generos para a alimentação dos pretendentes durante tres dias.

E mais nada. E' claro que os socios do Centro Cosmopolita desanimaram completamente, e não irão nem amarrados para o tal nucleo offerecido pelo governo. Um desses socios, dos mais entusiasmados com a futura expedição, nos disse:

—Acredite: muito mau juizo faz o Beserra de nós. Imagine o senhor o que seria a nossa vida, chegados ao nucleo. Como por lá não ha casas construidas, ficaríamos, com as nossas familias, accomodados debaixo das arvores e nas covas das rochas, até que algumas habitações summarias fossem levantadas, algumas semanas depois. Passados os tres dias de alimentação fornecida pelo generoso Ministerio da Agricultura, passaríamos a alimentar-nos de fructas agrestes e raizes e (si cahisse) algum maná do céu. Quanto ao trabalho, teríamos os nossos homens occupados preliminarmente na já referida construcção de cabanas e palhoças e na derrubada das mattas. Estas cousas teriam que ser feitas á unha, porque o governo não fornece instrumentos de trabalho nem ferramentas. Supponhamos que tudo isso tomaria um, dois, tres, quatro mezes a ser concluido. Por esse tempo, já umas tres quartas partes do nucleo teria provavelmente morrido de inanição; a outra quarta parte, rija e heroica, enterraria os mortos e começaria então a lavrar a terra e a plantar..

—Menos mal, commentámos nós...

—Sim, menos mal, continuou o nosso interlocutor. Mas o diabo é que não haveria sementes para plantar. Que fazer então? Os heroicos sobreviventes, já meio loucos, desesperados, famintos, cahiriam uns sobre os outros e se estra-

çalhariam mutuamente. E depois... depois, estava tudo acabado...

—Evidentemente!

—E como o nucleo estaria situado em pleno matto, longe da civilisação, a triste noticia não chegaria por cá e o Sr. Beserra continuaria a ser apontado como bemfeitor da lavoura nacional, encaminhando para a agricultura os sem trabalho das cidades...

Que commentarios acrescentar a isso? O nosso interlecutor deixou cahir ao terminar, o comentario justo:

—Como si nós fossemos bestas

O DEBATE

Somos muitos gratos aos confrades, diarios ou não, que, em termos captivantes, registraram o apparecimento desta folha.

Esses agradecimentos se estendem a todos quantos, pessoalmente ou por cartas e telegrammas, nos trouxeram a animação de boas e cordias palavras.

Politica Européa

—O ponto mais interessante da questão polaca é o da rivalidade que a sua solução suscita entre a Prussia e a Austria.

—Como assim?

—Muito simplesmente. A independencia da Polonia implica no enfraquecimento da Prussia entre os povos germanicos, cuja hegemonia voltaria de nova á Austria...

—Com effeito, é interessantissimo. Mas como diabo pode você estar ao par dessas minucias das questões européas?

—Lendo as revistas francezas, inglezas, italianas, hespanholas, que nos chegam. Compro-as no Braz Lauria, ali á rua Gonçalves Dias 78, que é a casa que primeiro as recebe.

Os factos do exterior

A demissão do Sr.

Bethmann-Hollweg

O Sr. Bethmann-Hollweg era o unico primeiro ministro dos paizes belligerantes que ainda restava no poder, depois de declarada a guerra. Sem falar nos pequenos paizes, a Inglaterra, a França, a Italia, a Russia, a Austria mudaram todos os seus ministerios, uma ou mais vezes, nestes quasi tres annos de conflicto. Na Alemanha houve troca de ministros, mas a composição total do ministerio conservava-se a mesma, em essencia, e sempre chefiado pelo Sr. Bethmann. Aliás isso se explica pelo facto de ser o regimen de governo na Alemanha differente do existente nos outros paizes: o primeiro ministro e com elle todo o ministerio são subordinados directos do kaiser, sendo muito diminuta a sua responsabilidade perante o Reichstag. A substituição do homem do «chiffon de papier» tem, assim, uma alta importancia, quer do ponto de vista interno, quer do ponto de vista externo, para a Alemanha, pois certamente é o preludio de sérias transformações na politica das potencias centraes. Em que sentido se darão essas transformações? Eis o problema...

Telegrammas recentes nos communicaram terem alguns jornaes de Pariz apreciado a entrada do Sr. Michaelis, para o posto até agora occupado pelo Sr. Bethmann-Hollweg, como uma victoria do partido militarista chefiado pelo kronprinz. O kaiser, tendo conferenciado com todos os chefes de partido, com os quaes, por seu lado, tambem o herdeiro da corôa teve entrevistas, antes de conceder a demissão pedida pelo ex-chancellor, dava de tal modo um balanço ás forças partidarias do imperio, pesando as correntes favoraveis e as desfavoraveis ao seu fiel servidor. O acto de demissão deste significa, portanto, o reconhecimento da força maior das correntes que lhe são desfavoraveis. E como entre essas cor-

rentes desfavoraveis figura o partido militarista ostensivamente apoiado pelo kronprinz, conclue-se logicamente que a queda do Sr. Hollweg vale por uma victoria dos reaccionarios...

Ha ainda a acrescentar que o Sr. Michaelis, de notoriedade pouco vasta, é um prussiano puro, cuja capacidade de acção, já experimentada no departamento da distribuição de viveres, si conseguiu maioria de louvores na Prussia, soffreu grande repulsa entre os allemães do sul, precisamente os que formam as mais accentuadas correntes liberaes do imperio.

Assim pensam alguns. Outros, ao contrario, opinam de modo diametralmente opposto: que as transformações prenunciadas serão antes de character liberal. As entrevistas do kaiser e do kronprinz com os «leaders» dos partidos nacionaes, desde o agrario ao socialista, explicam-se como uma já concessão da corôa á opinião.

Guilherme II, temendo se venham a agravar os acontecimentos, vai ao en-

contro delles e, manobrando com habilidade e cedendo vantagens minimas, emprega os ultimos esforços para a salvação da dynastia, quicá do regimen monarchico.

Encarando as cousas por esse modo é evidente que a demissão do Sr. Bethmann-Hollweg significa, realmente, uma transigencia das prerogativas dictatorias do monarcha ante a opinião do paiz. E isso seria o preludio de mais sérias reformas num sentido liberal...

Affirma-se tambem que a substituição do chancellor trará como corollario immediato novas propostas de paz. Tendo já falhado, em fins do anno ultimo, as propostas formuladas pelo chancellor demissionario, procura-se agora imprimir outra autoridade ás que se vão fazer, e essa autoridade só a poderá exercer labios outros qu aquelles que, ao rebenatar a guerra, alludiam «aostropos de papel» dos tratados...

Emfim... o que fôr soará e quem viver verá.—**Ast. P.**

O sr. Medeiros caduco

A famosa logica dialectica do sr. Medeiros e Albuquerque parece que se deliquescceu durante a sua longa permanencia em terras estranhas. Com effeito, desde que regressou de Pariz, onde a sua illibada coragem escudou-se heroicamente ante as ameaças concretizaveis do periodo marechalicio, o collaborador da A Noite vem desfazendo, artigo por artigo, a fama que o consagrara, em tempos idos, o mais preciso e irresistivel dos nossos polemistas. Agora, por exemplo, a proposito das greves operarias...

O sr. Medeiros entende que aos operarios estrangeiros, como aos brasileiros, assiste pleno direito de reclamar melhorias de ordem economica. Que se reunam, que se associem, que peçam ou exijam, por meio da greve, vantagens de salario e de horario, muito bem, nada ha que se lhes objectar. «Collaborando» escreve o articulista—para a criação de certas riquezas, é natural que protestem quando a repartição dellas não se lhes afigura equitativa. Mas o que se não pôde tolerar, o que se não pôde consentir, é que os operarios estrangeiros, generosamente recebidos es nosso meio

e a quem as nossas liberalissimas leis conferem todos os beneficios e seguranças, se mettam a criticar as nossas instituições e a atacar a nossa politica interna e externa. Isso é que não!—brada, indignado, o ex-reporter de guerra do citado vespertino.

Ora, si a sua capacidade de raciocinio e de argumentação não estivesse completamente caduca, o sr. Medeiros de certo não caçoiaria assim com o bom senso alheio. Porque, si os operarios estrangeiros, colaboradores das nossas riquezas, têm direito de protestar contra a má repartição dessas riquezas, como perdem tal direito criticando as nossas instituições e atacando a nossa politica interna e externa, quando as nossas instituições e a marcha da nossa politica externa e interna influem directamente sobre o modo porque a riqueza publica é repartida? Si a situação politica do Brazil, com as suas variações externas e internas, prejudica os interesses economicos dos trabalhadores estrangeiros, estes, só pelo facto de serem estrangeiros, perdem o direito de protestar?

Bem se vê que o poder da logica do sr. Medeiros se acha muito combatido, e não é capaz de aguentar com duas ou tres interrogações menos inhabels...

OS PAES DA PATRIA...

Não sei porque, o coronel Fernando Mendes lembra-me Laripette, que, como o venerando senador maranhense, tendo dobrado ha muito o cabo tormentoso dos sessenta, inda sacrificava ao travesso menino sagittário, como podia...

E quando ouvi, ha tres dias, o seu discurso sobre a Guarda Nacional, imaginei-o de primeiro uniforme, espada reluzente pendendo á ilharga, tal qual visionara o coronel das "Farces de la lune", a bradar — «Trompett, e, sonnez!» «La smalla est prise!» — nos seus ultimos combates incruentos em honra de Eros.. Laripette era magro, segundo todas as probabilidades, e o sr. Fernando Mendes é gordo; mas entre um e outro, a justificar essas semelhanças que lhes descubro, ha traços pronunciados de approximação, pelo menos nos prelios que ambos feriam...

E', pois, com admirativa surpresa, que assisto aos surtos bellicosos do senador maranhense, tão empenhado agora nas cousas da defeza nacional. O Senado, aliás, anda todo elle ardendo em entusiasmo guerreiro; mas o coronel Fernando tem sido quem com maior frequencia sobe á tribuna e, abandonando Aphrodite por Marte, rejuvenesce de subito, pede soldados e pede canhões, quer exercitos e quer esquadras, reclama morteiros e obuzes, aeroplanos e metralhadoras. E foi levado por esse entusiasmo que de chofre lhe renasce das cinzas da alma, que s. ex. clamou pela reorganisação da Guarda Nacional, cujas glorias lembrou outro dia, no Senado, com tremeliques de commoção na voz, quando o sr. Erico requereu informações sobre o numero de officiaes da «briosa» em todo o Brazil. «Stultorum infinitus est numerus». O de officiaes da Guarda tambem o é, mas com a differença de que na sua estulticia, ha um traço de espirito pratico, que lhes tem garantido muita veze estado-maior em casos positivos e inconfundiveis de aadrez...

O sr. Erico Coelho, que na questão da defeza nacional se tem collocado n'um terreno diametralmente opposto ao em que se mantem o sr. Fernando Mendes, formulando o seu requerimento de informações, visava justamente conclusões contrarias á febre de preparativos bellicos que se apoderou da Camara alta. Mas isso não obstou a que o coronel Fernando colhesse a oportunidade de fazer o elogio da Guarda e de encarecer-lhe a reorganisação, com batalhões novos e aguerridos, à frente dos quaes, em dias de parada, s. ex., tendo trocado a sobrecasaca solemne pela tunica e o chapéode côco pelo kepi, passará pela Avenida, commandando —

ordinario, marche! — ao rataplan dos tambores.

E nisto gastou o Senado uma semana.

O Senado «descançou» e a Camara não trabalhou... Dous dias feriados, dous sem numero para votações, e os demais, até hontem, para requerimento e necrologio. O sr. Maciel Junior deu mais uma cutilada nos «Dragões» do Sr. Gustavo, declarando que o elegante deputado andara pelos corredores do Monroe pedinchando votos para o seu projecto, já approved em segunda discussão. O Sr. Mauricio de Lacerda, um dos raros deputados que levam a serio o mandato, apresentou um importante projecto sobre os contractos de aprendizagem, complemento de uma serie de medidas relativas á questão do trabalho, que o illustre representante fluminense vem suggerindo á Camara e que, approvedas, virão a constituir solidas bases da nossa legislação aperaria, toda ella ainda por fazer. Não cabem, porém, aqui commentarios mais demorados sobre o importante assumpto, da urgencia de cuja solução, as agitações do proletariado, em todo o mundo, com reflexos

pronunciados no Brazil, constituem a prova mais concludente.

Entre os requerimentos apresentados á Camara, ha um que convem registrar á parte: o do sr. Evaristo do Amaral, sobre telephones. Isto de telephones no sr. Evaristo é uma psychose periodica de prognostico pessimista, como diria o dr. Juliano Moreira. Ha dous annos s. ex. vinha apostando com o sr. Pires Ferreira uma partida original: o sr. Evaristo malhava, de um lado, nos telephones; do outro, o sr. Pires nas estradas de ferro do Maranhão. Um dia, o senador piauihyense cançou O sr. Evaristo, porém, é que não cança. Antehontem formulou o seu centesimo requerimento. A 31 de dezembro, provavelmente, inda os formulará. Nos corredores, s. ex. anda solitario, cantarolando em surdina:

Pelo telephone
o chefe de policia
mandou me avisar...

E' um caso perdido...

Adolpho Porto.

A pusilaminidade no perdão

Manso de Paiva, o homem obscuro que um dia, repentinamente, chofrou com a mais ruidosa notoriedade, emb bebendo a lamina de um punhal nas costas de Pinheiro Machado, deve entrar amanhã em julgamento, no Tribunal do Jury. Durante alguns dias, para muitos, elle foi um heróe. A outros affigurou-se, apenas, um caso de pathologia criminal. E para outros ainda, a minoria, elle não era mais que um assassino vulgar, sobre que faziam pezar todas as aggravantes que se enfileiram nos artigos do Código Penal.

Passados alguns mezes, todos os conceitos se harmonisam e todos os juizos se unificam: Manso já não tem a cingir-lhe a frente a aureola coruscante da heroicidade; já não o alliviam da mancha do crime as diagnoses pedantescas que a bacharellice indigena deletreou em Lombroso e Ferri; não é mais um martyr do civismo, nem um nevrosado a pedir manicomio em logar de penitenciaria. E' apenas um homicida. O jury vae condemnal-o, para «desagravo da sociedade ultrajada»...

Quem não faz, porém, a apologia do

assassinato, nem é capaz de aceitar a «blague» de Quincey ou a sua contrafacção nacional, pelo sr. Flexa Ribeiro, com o «Elogio do punhal», sente-se muito á vontade para emitir uma opinião desassomburada sobre o caso de Paiva Coimbra... E por isto sustentamos que o assassino de Pinheiro Machado, alvo n'este momento do odio de alguns, da indifferença de muitos e da hypocrisia de quasi todos, merece, quando vae ter ingresso definitivo nas lugubres galés, um pouco d'aquelle balsamo suavissimo da indulgencia, que a sua morbidade requer. Para a supersthesia da trama confusa e enredada dos seus nervos, o ambiente de um hospicio seria therapeutica mais effcaz que a clausura fria e deshumana da masmorra. Todavia, ninguem mais o perdoo, pelo pusilanime respeito humano do perdão. E ao ver essa unanimidade no anathema, não se pode fugir á evocação de Mirbeau, e do scenario synthetisante da hypocrisia humana, que elle vigorosamente pintou, na fogueira crepitante das oleographias pornographicas do «Abbé Jules»...

O que o "Gigante" viu e me disse

Tenho por vezes o habito de conversar com as cousas mudas e com as flores porque, lá diz o poeta — *heureux celui qui plane sur la vie et comprend, sans effort, le langage des fleurs et des choses muettes.*

Um dia destes deu-me vontade de trocar algumas palavras com o «Gigante de Pedra». Os cariocas actuaes andam muito esquecidos do seu gigante; mas eu, graças á leitura de Gonçalves Dias e outros velhos poetas, ainda me lembro muito d'elle.

Não cito aqui os versos de Gonçalves Dias que já foram famosos, para não enfastiar o leitor com poetas, especie de gente tanto do desgredo da raça maravilhosa dos bezerras e outros homens praticos dignos da velha Salé.

Procurei conversar com o «Gigante de Pedra», que é o numen tutelar da minha leal e heroica cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, sobre o desembarque de forças militares de nações estrangeiras, nas plagas da Guanabara e arredores.

O «Gigante», um pouco aborrecido com o esquecimento em que o tem deixado a Musa nacional, não me quiz responder logo; mas, por fim, cedendo ás minhas instancias e a um bom trago da agua da Carioca que elle desde muito não bebia, fez-se mais cordato e me disse:

— Tanto esquecido da historia destas terras, onde estou desde quasi a formação do Globo, que me é impossivel contar todos os desembarques de forças militares extranhas a ella, desde que existo. Entretanto, meu caro senhor, vou fazer o possivel por me lembrar dos que vi desde o quinhentos para cá. Éra de Christo. Ouça.

— Sou toáo ouvidos.

— Bem. Dessa época para os nossos dias, o primeiro desembarque de forças militares extranhas a que assisti, foi o das de um tal Nicoláo Durand de Villegagnon. Conhece?

— Tenho noticias.

— Diziam-me que era um homem habil, nauta audaz, natural da Provença, cavalheiro de Malta e, creio, sobrinho de um gráo-mestre famoso, Villiers de l'Isle Adam.

— Que vinha elle fazer?

— Estabelecer a «França-Antarctica» aqui; o que fez, ao chegar, em, um çachopo, quasi raso ao mar.

— Conseguiu?

— Espere. Transferiu a tal «França-Antarctica» para uma ilhota um pouco mais consideravel e procurou fortificar-se...

— Não conseguiu firmar-se?

— Como está vendo, não. Delle e dos seus companheiros, só resta o nome á ilhota.

— Porque?

— Pelo motivo muito simples de que os que estavam de posse da terra, não lhe tendo dado

consentimento para o desembarque, expulsaram-no á força.

— Não houve injustiça, violencia em tal procedimento?

— Certamente, não; uma força militar, em pé de guerra, não pôde, sem offender o brio da patria, desembarcar em territorio della, sob o disfarce que fôr. Sempre foi como offensa que todos os povos encararam tal facto.

— Então os taes francezes?...

— Eram poucos; uma centena, se tanto. Derrotados, foram-se; mas, mais tarde vieram com forças muito mais consideraveis.

— Teimosos!

— Mas que teimosos! Elles sempre foram renitentes com este Rio de Janeiro. Parece que lhe têm affeição especial.

O «Gigante» afastou um grosso cumulus da frente e dispoz-se a considerar qualquer cousa que lhe passava pela idéa. Por ahi, ainda eu me lembrei de Baudelaire:

*Au-dessus des étangs, au-dessus des vallées,
Des montagnes, des bois, des nuages, des mers
Par delà le soleil, par delà les ethers*

.....

E ia me recordando de toda a *Elevation*, quando o «Gigante» interrompeu-me abruptamente a scisma:

— Commandava a expedição o Sieur Duclerc, Carlos ou João Francisco, á frente de uma esquadra, com mil homens de desembarque.

— Como foi recebido?

— Mal. Não o deixaram entrar.

— Com bons modos?

— Não; a bala.

— E elle?

— Não teve duvidas: entrou pela cozinha, isto é, desembarcou em Guaratiba e, á testa dos seus homens, penetrou na cidade.

— Que festa!

— Que festa? Debaixo de uma mosquetaria infernal, atravessou as ruas. Rendeu-se e foi assassinado, algum tempo depois, mysteriosamente. Uma vergonha!

O sol, agora, beijava doidamente o «Gigante». Outro qualquer tel-o-ia afastado do rosto; mas o monstro recebeu com satisfação aquelle beijo de tão longe. Lembrei-me ainda de Baudelaire:

*Envers-toi bien loin de ces miasmes morbides,
Va te purifier dans l'air superieur
Et bois comme une pure et divine liqueur,
Le feu clair qui remplit les espaces limpides.*

— No anno seguinte, continuou o «Gigante», sob o pretexto de vingar a morte do compatriota, um grande marinheiro francez—Duguay Trouin — apresentou-se diante da barra com uma esquadra de 17 navios e 4.000 homens de desembarque. Lembre-se que era

em 1711, para avaliar a importancia da força que visitava o Rio de Janeiro.

— Era uma visita honrosa.

— Pois não a julgaram assim, tanto que foi recebido debaixo do fogo das fortalezas.

— Desembarcou?

— Desembarcou. Dizem que o conseguiu, dentre varios motivos, devido á pusilanimidade do governador que, no entanto, tinha a sua reputação militar feita.

— Venceu-o o francez?

— Quasi facilmente; e saqueou a cidade que pagou um fabuloso resgate, dando a expedição, aos armadores della, dividendos fabulosos, apezar dos naufragios, na volta.

O «Gigante» interrompeu a narração com a presença de uma nuvem negra que lhe toldava a vista. A nuvem teimava em lhe cobrir quasi todo o corpo e elle teve um estremeção no seu leito de pedra, vindo a exclamar:

— Vae-te daqui, porque eu posso, apezar de tudo, erguer-me e castigar-te como o mereces.

— Soçegue, sr. «Gigante». Que tem?

— E' esta nuvem.

Quiz disfarçar e perguntei-lhe:

— Não viu outros desembarques?

— Vi, vi.

Elle falava irritado e irritado continuou:

— Vi, meu caro senhor; vi este de 4 de julho ultimo. Dous mil homens em armas, com bandeiras, tambores e musica; dous mil homens de forças estrangeiras desembarcarem no meu Rio de Janeiro e serem recebidos com festas, palmas... Nunca vi isto, nunca talvez venha a ver mais...

E cobriu o semblante de tristeza, daquella de Calypso, depois da partida de Ulysses, quando se julgava desgraçado por ser immortal.

Quiz ainda fazer-lhe algumas perguntas, mas a catadura do adamastor metteu-me medo, não pelo odio que della reñmisse, mas pela tristeza indignada que havia nos seus olhos.

Deu um suspiro e por fim me disse:

— Naquelles tempos, meu caro senhor, não havia Estados Unidos; e o Carnaval internacional não divertia todos os espiritos.

Mais uma vez, lembrei-me de Baudelaire que traduzira o grande escritor americano Pôe, esquecido e desprezado pelo seu paiz; e reflecti tambem com o «Gigante»:

— Não havia Estados Unidos, naquelles tempos!

Nada mais me disse o «Gigante»; resolvei, portanto, deixal-o, descendo as montanhas apressado em levar esta breve conversa ao conhecimento da Liga pelos Alliados. Faça della, a Liga, o uso que lhe convier.

Rio, 14-7-17.

Lima Barreto

Farçantes da democracia

O 14 de Julho teve, este anno, uma commemoração official solemne e falsissima. Desembarcaram marinheiros do «Marseillaise», como em terras conquistadas, e á frente dos «encantadores» da reserva naval desfilarão pela Avenida ainda humida da chuvinha matinal. Todos os mastros de todas as ruas se embandeiraram com as mil côres de mil pavilhões de mil nacionalidades. O grande commercio cerrou as portas, em commovida homenagem aos famintos «sans-cullotes» que derrubaram a Bastilha. Houve recepções varias nos palacios da governança e espectaculos de gala em marmoreas salas de theatro. Enquanto isso, a policia de S. Paulo espingardeava o povo que, nas ruas, reclamava um pouco mais pão...

Essa commemoração do 14 de Julho foi uma commemoração de traidores e de fustigadores. Porque o espirito da Grande Revolução, de que a queda da Bastilha foi a pedra de toque e é hoje um symbolo, não está com esses que a festejam com exhibições militares e festarolas de luxo. Não são os magnatas das alturas pensantes e dirigentes que guardam e representam as tradições revolucionarias do povo parizense, que em 89 tomava de assalto a celebre prisão.

Não: esse espirito e essas tradições se encerram ainda no coração generoso da plebe malsinada, que os senhores do dia exploram e matam, nas suas officinas e nas suas lavouras. Filhos legitimos da Revolução Franceza, proclamadora universal dos Direitos do Homem, são os proletarios cujos direitos de reunião, em praça publica, são tolhidos pelas baionetas do governo Wencesláu, festejador do 14 de julho. Descendentes em linha recta dos miseraveis que derrubaram o feudalismo de antanho

O exemplo de S. Paulo

S. Paulo é sempre dado e festejado como exemplo modelar, entre todas as unidades da Federação. Quando se fala em S. Paulo, em qualquer roda grauda ou meuda, toda a gente se descobre, respeitosa, e alinhava os mais rasgados encomios ás cousas e aos homens paulistas. A lavoura e a industria do grande Estado são apontadas como as mais ricas, mais prosperas e mais progressistas do Brazil. Com a industria e a lavoura, bases da riqueza e da prosperidade da terra do sr. Rodrigues Alves, tudo o mais por ali sobrepuja, de muito, o que se vê e o que se faz nas outras infelizes provincias. Ha mesmo quem chegue a affirmar, com absoluta convicção, que S. Paulo é a unica cousa séria e organizada deste paiz. Uma vez, v. g., o sr. João do Rio, de volta de uma viagem á Paulicéia, escreveu em folhas cariocas o seu encantamento integral e incontrastavel, porque a policia de lá não consentia que se formassem, nas ruas e praças, grupos de mais de um, dispersando-os irrevogavelmente com um irrevogavel «circulez, Messieurs!»...

Agora são os operarios de S. Paulo que dão o exemplo, com um movimento reivindicador triumphante em toda a linha. A maior parte dos nossos jornaes, temendo as suas consequencias entre nós, proftigou a energia da greve, quebrando assim a unanimidade dos encomios aos exemplos paulistas...

Ora, os nossos confrades diarios positivamente não têm razão. Sinão, vejamos. Os operarios paulistas necessitavam de umas tantas melhorias. Reclamaram-n'as, por meio de uma greve irresistivel. A policia quiz suffocar o movimento, á força. Os operarios responderam á força da policia com outra força não menor. Houve disturbios, houve mortos. O trabalho ficou inteiramente paralyzado. Faltaram o pão, a carne, o leite. Resultado final: os grévistas ganharam a partida, conseguindo quasi tudo quanto exigiam. Foi uma victoria positiva, galhardamente conquistada.

Pois os nossos jornaes acham que isso não é um bom exemplo. Ao contrario: é um ottimo exemplo para os operarios do Rio de Janeiro. Pedinchando miseravelmente é que os trabalhadores nada obterão. Exijam, como os de S. Paulo, com a força dos seus musculos e as suas exigencias justissimas hão de ser satisfeitas...

são os miseraveis que se rebelam contra o industrialismo moderno. Continuadores da obra da Revolução são os agitadores e fermentadores de rebeldias, que tanto odio despertam aos grandes jornalistas e aos aurelinos deste regimen de oppressão e de ludibrio...

Elles, sim, podem dignamente lembrar e homenagear os seus antepassados de miseria e de acção: não as quadrilhas officiaes, falsificadoras das glorias alheias, farçantes da democracia...

Gréve geral?

Repercussão dos acontecimentos de S. Paulo

A' ultima hora, ao fechar destas paginas, surgem noticias de parades parciais e boatos de greve geral imminente.

Paralyzado já se acha o trabalho nas marcenaria e nas fabricas de saccos de annagem, falando-se que o mesmo acontecerá desde hoje ás fabricas de calçado.

As associações de classe se mantêm em sessões continuas, correndo as assembléas na maior effervescencia.

A angustia da hora nos impede de mais detalhes. Podemos, porém, affirmar com segurança, que a atmospherá é de anciosa expectativa...

A obra dos monopolistas

Os monopolistas não conhecem estorvos á sua obra. Tudo tentam, sem a menor consideração fóra do intuito açambarcador, que é a sua meta e a razão dos seus esforços.

Que o mercado fluctue na indecisão e no fluzco e refluxo arbitrario, resultando d'ahi o encarecimento dos generos de consumo primordial, pouco lhes importa aos abutres do monopolio. O fim da sua vida se resume em encher cada vez mais os proprios bolsos, — custe o que custar, doa a quem doer...

Tivemos conhecimento, por exemplo, da acção de uma grande companhia assucareira, no sentido de esmagar e absorver os pequenos industriaes do mesmo producto.

Essa companhia, aliás nova, já de ha algum tempo não distribue dividendos entre os seus accionistas pelo motivo—dizem os directores, que têm nas mãos a maioria absoluta das acções—da crise commercial presente... Com este jogo, os referidos directores, sempre reeleitos e percebendo pingues honorarios, desanimam os accionistas menores, compram-lhes as acções por preços irrisorios e vão solidificando a obra em mira.

A luta contra os pequenos industriaes consiste nas baixas profundas e bruscas de preços, desmorteando-os e desorganizando-lhes o trabalho,—liquidando-os, finalmente, o que constitue o fito dos monopolistas...

Mais de espaço voltaremos sobre o assumpto, precisando os casos de que temos conhecimento.

OS RIDICULOS...

O JURY

Raul Pederneiras fez ha annos os versos que a seguir publicamos. São ineditos. O proprio auctor vae ter surpresa ao vel-os publicados hoje.

*Aquella instituição viril que da Inglaterra
Alaetrou-se no mundo.*

*Aquella instituição que tanta gloria encerra
Soffreu golpe profundo*

Soffreu mudança enorme, radical.

Mutação theatral

Cheia de bastidores, bambolinas,

Apartes, scenas comicas e tragicas

Que lembram certas magicas

Que nos theatros¹ basbaqueam povos!

E sob moldes novos

Cateado o Jury agora, meus senhores.

Prepara-se um salão, luzes e flores.

E distribuem-se entradas

Numeradas

E como a sessão só, é bem massante

Ha sempre um intervallo mastigante.

Sopa jurisperita lá vereis,

A lei em papas, código em letra,

Linguagem com batatas, malvaia

Porto-Chateau,² Margaux,³ Bordeaux,⁴ Xerez.

Café, chá matte,

Chocolate.

Da escala dos doces toda a gama,

Que já não posso mais enumerar-os,

Faz⁵ parte do programma.

Uma banda a tocar nos intervallos

Do pessoal na grande mascarada.

Ha de tudo, tal qual numa bolina.

Desde a figura do juiz, togada,

Ho beleguim que atraz do mesmo fica.

*Emquanto qualquer um sobe à tribuna
A caramella rethorica desfia,*

Veremos qualquer dia

A dansa, o maxixorio e o arauina.

Tropa embalada, de ares carrancudos.

Inhibe a entrada de quem quer que seja:

Aquilo não é egreja

Nem casa de pensão!

Apenas uns senhores topetudos,

Que apresentam cartão.

Tem entrada a dez reis de mel coado

E talvez, mais convenha

Gambista à porta pra vender a senha.

Oh progresso maior.

Antes do julgamento consumad.

Antes mesmo do jury reunido,

Já se sabe de cor e saltado

Se o réu está condemnado

Ou se está absolvido!

Jury, tua gloria é firme e nada vê.

Le monde marche dis Pelfletan

E como um sans-culotte de collete

Eu vou saltar tambem o meu fogueite

Na manifestação.

Que o meu desinteresse se concentre

Não levo mais a Patria ao coração:

A Patria está no ventre

Aviso util

(Communicado pelo dr. Flexa

Ribeiro)

Quem tiver anel. pulseiras,

Brincos, relógios, etcéas.

Que não se metta na asneira

De passar perto do Enéas...

Pergunta a premio

(Communicada pelo Sr. C. Lisboa)

Vamos! Dêem tratos ás botas,

Para encontrar solução:

Onde é que compra cartolas,

O Dr. Lopes Trovão?

TUTTI QUANTI

A 1\$500 a duzia ...

(Retratinhos parlamentares)

A. C.

Sua qualidade proeminente é ser sobrinho do seu tio. Fóra isto, accidentalmente, emquanto o Braz é thesoureiro e o illustre e «raffiné» Pandiá guarda as chaves da arca appetecida, o notavel sobrinho do seu tio mantem a posse do cajado, com que dirige as mansas ovelhas de Panurgio e evita que ellas desgarrrem para o lóbo. O lóbo é o sr. Mauricio e são mais alguns impertinentes que estão sempre a dizer d'este adoravel governo coisas tão feias quanto as que Mahomet, segundo insuspeitas autoridades em «al-korão» e mais auctorimentos religiosos de Mecca não chegou a dizer da banha de porco.

A's vezes, poucas vezes têm sido, s. ex. perde o cajado e as ovelhas tremalham. Seus discursos melhores e mais notaveis têm sido os seus maiores desastres. Exemplo: as defezas do grego.

No mais, bom rapaz, sobrio no vestir, mas distincto de maneiras; sobrio na grammatica, mas, em todo caso superior ao Frederico Borges. Não chega a ser demosthenico, nem consegue reviver na tribuna a figura veneranda dos tios, mas attinge, por vezes, ao sublime no genero professor Vicente Ferreira...

Jornalista em Juiz de Fora, onde n'um «steeple-chase» vertiginoso, aposta com o Valladares do «Pharol», quem é mais intelligente.

Minas deve-lhe uma estatua...

A. de C.

A EQUITATIVA

Presenta grande numero de convidados e representantes da imprensa, realisou segunda-feira ultima, ás 3 horas da tarde, esta prospera e acreditada companhia de seguros, o seu 44º. sorteio trimestral de apolices em dinheiro.

Findo o sorteio, foi servida aos presentes lauta mesa de doces e champagne.

ORLEANS

A caminho de Bordeaux, parei em Orleans que encontrei envolta n'um espesso nevoeiro. Ali, como em toda parte, da provincia de Garthe à provincia d'Yonne, de Le Mans a Chatillon-sur-Soine, Orleans era conhecida como a perola do Loiret — constatação que me espantou mediocrementemente, por isso que estou habituado a encontrar mil cidades admitidas como perolas ou joias extraordinarias. Raguze é a perola do Adriatico, Ostende a perola do Mar do Norte. Constantinopla a perola do Bosphoro e Recife a perola do... Capiberibe. O poeta Castro Alves averiguou algures que o Recife não era somente perola: "era Veneza americana boiando sobre as as aguas..."

Fiquei em Orleans apenas dia e meio. O objectivo principal da minha excursão era Bordeaux e Arcachon. De resto, que poderia fazer em Orleans, durante mais de dois dias?

O que sobretudo me interessava na formosa cidade era a praça Mastro com a sua estatua de dimensões colossaes erigida em honra a Jeanne d'Arc. Foi por isso que procurei velar, assim que deixei minhas bagagens registradas na gare. Orleans orgulha-se de possuir a maior estatua da joven "Pucelle" e tem pela Santa Guerreira uma preocupação doentia. A cidade está invadida de cafés, açougues, padarias, alfaiatarias, quinquilharias, tabacarias, sapatarias e chapelarias, que têm o nome de Jeanne d'Arc. Ha mesmo um jornal intitulado "Novelista da Virgem Lorena".

Na occasião em que tentava decifrar a inscripção do monumento da martyr de Domremy, fui interrompido por uma voz que murmurava:

— Não precisa de um guia?

— Obrigado! fiz secamente...

— ... uma casa alegre... no cinema...

A voz insistia enumerando todas as diversões clandestinas da urbs. Fiquei irritado. Podiam ser 11 e meia da noite. Abandonei o monumento, decidido a não parar mais em nenhum lugar e ir direito a um hotel burguez. Inutilmente procurei onde dormir. Chego mesmo a aventurar-me do outro lado do Loire, atravessando uma ponte completamente deserta e escura. Como por baixo dessa ponte o Loire divide-se, a sua travessia, á noute, possui algo de lugubre. As aguas escorregam e murmuram alto, fazendo cascatinha. Os fios do telegrapho assoviavam açoitados pelo vento.

Depois de muito perambular, decidi informar-me do primeiro viandante. Este cambaleava numa irremediavel carraspana.

— Onde se pode dormir, camarada?

Olhou-me com uns olhosinhos piscos e indicou-me um albergue. Dei-lhe um cigarro e fui. Deitei-me num quarto exageradamente gran-

de. Imagine-se um leito para cinco casaes... eu tinha tanto frio!... O termometro marcava dous grãos abaixo de zero... No aposento não havia "chaufage" nem mesmo electricidade de que por vezes esquentava as paredes humidas. A luz coada penetrava por tres janellas altissimas...

No dia seguinte levantei-me tarde e saí para minhas investigações... Orleans é um centro de vida interessantissimo. No verão fica totalmente cheia de estrangeiros e parisienses atraídos pelas partidas de "canot" de Loire. Tem na avenida da Candole, um dos mais completos jardins de plantas que me foi dado contemplar. O seu boulevard Alexandre Martin, á esquerda da gare, assemelha-se como uma copia ás arterias exteriores de Paris. Largo e com bellas habitações, possui uma carreira de marroniers invejáveis e bizarros.

Do alto da Cathedral, Orleans evoca o panorama de Rheinfelden. Como toda a capital provinciana, tem duas ruas principaes -- Bannier e Republique, tem tambem toda uma serie de bairros construídos em tempos remotos. Veem-se na rua "des Carmes" varias casas incendiadas pelos huguenotes e na praça "Croix Morin" o logar onde outrora se erguia o pelourinho. No boulevard "Moulin de l'Hopital" existem ainda as ruinas dos muros dentro dos quaes vinha passar as suas noites em doces concubinagens, Luiz I, filho de Carlos V, que governou durante a demencia do seu irmão e que foi assassinado em 1407 por João Sem Medo, duque de Bourgogne. Conserva-se ainda, na "Porte Madeleine" num pequeno museu abarrotado de recordações do cerco de 1429, tão milagrosamente levantado por Jeanne d'Arc, chamada por Deus para expulsar os ingleses da França (a que não o li-vrou de ser queimada em Rouen).

A maior belleza d'Orleans é, porém, a grande Cathedral. Situada na extremidade da rua Bretonnerie, tão pezada e tão artistica como a "Notre Dame", a massa colossal das suas torres parece tocar nas nuvens. Angulosa e impenetravel, dir-se-ia feita de andaimes de pedras superpostas. No seu atrio e no seu pateo marcha-se por sobre o estrume das aves. Os pombos que vivem nas suas cornijas defecam pindaricamente sobre a cabeça dos transeuntes.

Um bond que corre pertinho, desses "trams-ways" semelhantes aos que atravessam Roma, mais pequenos que os de Lisboa, leva-me para o Alhambra... sim... "tout à fait comme à Paris"...

... e depois leva-me á gare... O trem que me conduzirá a Bordeaux não deve tardar...

THÉO-FILHO

Sem patria e sem vergonha...

A gazeta em que o insigne "picareta" João de Souza Lage distilla diariamente objurgatorias de pús syphilitico ou louvaminhas de assucar candi, conforme as suas victimas a ferro-lham a bolsa em cofres de alarme ou lhe passam "algumas" de cem, apreciando, ha dias, o movimento operario de S. Paulo, attribuiu-o á influencia de elementos estrangeiros, que, segundo o rapacissimo gallego, praticam violencias e deturpam os fins visados pelos proletarios.

Pimpão Gargantua, fingindo de paternal conselheiro da gente do trabalho, no fundo nutre um odio indissimulavel pelo operariado e, não tendo coragem de manifestar claramente esse odio — a reconstrução da fachada custou-lhe alguns rudes golpes de picareta — despeja bilis sobre os estrangeiros, que elle faz bodes expiatorios do bello movimento triumphante de S. Paulo.

Quando mesmo os capitalistas não vacillam em reconhecer a justiça dos reclamos dos operarios, como ha dias um representante de importante firma de S. Paulo fez, em entrevista publicada n'um vespertino d'esta capital, é admiravel audacia essa do Lage attribuir a estrangeiros perniciosos a formulação de queixas justissimas, que elle, empanzinado e arrotando azedo «foie-gras» e Veuve Clicquot», tem como impertinencias de escorraçados de outras plagas.

Para Samsão de Nantua, os 40.000 grevistas de S. Paulo são estrangeiros. Os soldados que os espingardearam, em grande parte italianos e portugueses, não o são e os grandes industriaes, os Matarazzo, os Gamba, os Crespi tambem não o são, pelo motivo simples de que os primeiros garantem os segundos e os segundos garantem a existencia de Simão, que lhes dá «facadinhas»...

O proprio Simão Gargantua, que aqui não nasceu e veio da terrinha n'um caixão de cebolas, não se julga estrangeiro, porque do contrario não se abalançaria á audacia de criticar os filhos de outras patrias que aqui mourejam...

Mas si Lage, o gallego, se sente tão bem n'esta confortavel e amoravel terra das bananas, evidentemente a culpa não é sua... Ao contrario, ella pertence toda aos Cardosos de Almeida que alimentam os lages...

As artes

O ARCHIVO DO GESTO
(Chroniqueta sem rumo)

D'Annunzio no «Fuoco» (pag. 63) chamou á multidão «mostro multanime dagli innumerevoli volti umani».

Monstro, de facto, n.ostro que um simples meneur, um condottiere domina e encaminha, como um pastor domina e encaminha um rebanho.

Monstro cuja mysteriosa vida intima a Psychologia Collectiva, esboçada por Taine e continuada por Scipio Sighele, G. Tarde, Ferri, Le Bon, começou o encarar, mas que a meu vêr, melhor do que todos, o napolitano Paschoal Rossi surpreendeu com mais justeza, chegando a determinar-lhe («L'Anima della Folla») «a composição, o pensamento, os quartos d' hora geniaes, as formas mórbidas e a educabilidade» e dando com o seu livro «Psychologia Collettiva» o primeiro ensaio de verdadeira systematização e de schematização deste novo ramo da Psychologia.

Si ramificação se pode chamar ao que é antes uma ampliação complexa...

*
*
*
*

Ora, de quantos o sagrado fogo da Arte febrece — poetas, prosadores, musicos, pintores, esculptores — são sem duvida o actor o musico e o orador os que mais de perto mais facil, mais constante, mais immediatamente conhecem as «deliciosas inebriações da victoria, as volupias das aclamações apotheticas, os delirios das homenagens que vencido e escravizado, lhe vem trazer, muitas vezes de joelhos, o perigoso «monstro multanime de innumeras caras humanas».

Nas multidões, quer consagrem ou lapidem, os estados d'alma se generalizam «em consequencia da continuidade e da semelhança da attitude physio-psychica», disse creio que o individualista Morselli.

E' bem um rebanho: o de Panurgio...

*
*
*
*

Coefficientes decisivos — um simples gesto, um mero olhar — mais do que todos os trópos, todas as imagens, todas as exclamações — são na tribuna e, especialmente, no palco o mais poderoso elemento de colorido, de relevo, de significação, de expressão do actor que deve ser antes um enluminista, um exegeta, um collaborador vivo do pensamento do autor.

Mas nunca um repetidor automatico...

Todo o mundo se lembra da scena em que

Hamlet, respondendo á pergunta de Polonius:

What do you read, my lord?

informa:

Words...

Words...

Words...

Eu tive uma das mais profundas emoções artisticas a cada um dos tres gestos com que Novelli «interpretou», «sentiu» ineditamente cada uma das phrases de desanimo que ao personagem encarnado havia trazido o illusorio balsamo dos livros lidos.

— «Parole...», disse elle primeiro com um gesto de calmo enfado.

Depois, como si as recordações fossem percorrendo as etapas das desilluções soffridas, rasgando uma segunda folha, com um gosto de cruciante magoa, Novelli sussurrou mais do que disse: «Parole...».

A' terceira folha arrancada, seus labios mal se moveram. Mas o gesto que deixou cair a folha no chão e o braço ao longo do torso traduzia irremediavel e esmagadora dor: «Parole...».

Eu não alongarei estas notas descrevendo o rapido movimento de cabeça com que a Réjane, em um final de acto da «Course du Flambeau» sublinha um rouco «oui», que era a salvação da vida de sua filha e a pena de morte de sua mãe cardiopata.

Novelli e Réjane eram dos collaboradores de Shakespeare e de Paul Hervieu.

E o caracter desses gestos, como elementos de expressão, de traducção, de interpretação não pode, sem grave injuria para a Arte, ser confundido com a mimica falsa, os excessos simiescos, a que são naturalmente torçados os pobres actores de cinematographia á vista da carencia dos outros elementos scenicos.

Dahi o pavoroso resvalar da Arte Dramatica para a degradação a que o cinematographo vae conduzindo insidiosa, vicidamente, os artistas do Palco, alem da concurrencia e consequentes *chômages* que para elle representa essa industria.

Porque (compensação consoladora...) não se utiliza a cinematographia como registo da belleza do gesto, registo em que se fixará e legará aos porteros, — de Novelli ou da Réjane, do meu amigo João Barbosa ou (e porque não?) da Sra. Elisa Santos — os gestos e expressões no Hamlet ou na Course du Flambeau, no Lui ou aquelle risinho garoto que

grypha a bregeirice nos olhos obliquos da Duqueza do Baile Tabarin?

Esses gestos — concordarão commigo o optimo coração e critica de Nogueira da Silva e o rigorismo pessimista do redactor theatral do «Don Quixote» — esses gestos têm o cunho do «irreproductivel», que é justamente a característica da obra de Arte: elles se perdem irreparavelmente com a morte do Artista, o que talvez tivesse levado a metaphysica de Wagner (nascida nas brumas de cyclos scandinavos, nos nevoeiros da mythologia scandinava) á convicção de que a «Arte começa onde acaba a Vida».

E as pelliculas cinematographicas serão para o futuro o Archivo do Gesto em que se irá aprender, em que se irá estudar essa manifestação emotiva que é em Arte o movimento somatico — desde a mobilidade physionomica até a eloquencia do Gesto.

Santos Mala

ANTE O QUADRO DA GUERRA

Si foi para isto... para ver a Terra Ensanquetada a arder, sinistramente, Nas convulsões tetanicas da Guerra, Como numa fogueira uma serpente;

Si foi para assistir, do mar á serra, O odio a escachoar em catadupa ardente — Da alma do Homem, que, na alma, ainda hoje encerra O que Attila encerrava antigamente;

Si foi para este horror que um quadrumano Hediondo, pelos seculos polido, Se fez um Deus, no hediondo aspecto humano;

Si foi para isto... não valera nunca, Pitecanthropus, teres evoluído Do monstro, que eras, de figura adunca!...

Max de Vasconcellos

Ambições aurelineanas

Mais uma vez, e para mais uma vez assistir ao desabar dos seus castellos, o Sr. Aurelino Leal affaga a ambição de sentar-se na curul, vaga por morte, de ministro do Supremo Tribunal Federal. E' uma velha, roaz e teimosa ambição, essa do intento e volumoso jurista da rua da Relação, de querer pontificar, das alturas, do mais alto tribunal da Republica, as sabenças enfurnadas cuidadosamente nos refolhos da sua «consciencia juridica».

Entretanto, candidato permanente á substituição dos mortos do Supremo, o chefe policial tem sido sempre rechassado nas suas pretensões, e rechassado pelo clamor geral da opinião publica, excellento pretexto, aliás, de que se serve o Sr. Wenceslau para não o atender.

Agora, com o fallecimento do Sr. Oliveira Ribeiro, mais uma vez o correspondente telegraphico do «Diario da Bahia» (e correspondente á custa da Fazenda Nacional) afia as suas unhas policiaes, a ver si essa vaga lhe cai nas garras. Baldado intento, porém... porque é evidente que pusilanimidade do Sr. Wenceslau não commetterá a audacia de fincar a figura pretenciosa, atrabiliaria e inepta do Sr. Aurelino Leal, como juiz, num tribunal, que se presuppõe deve ser composto de espiritos compenetrados, serenos, sapientes...

Lenha em tócos e metros cubicos

Vende qualquer quantidade a preços reduzidos

Collocando nesta Capital

Pedidos a Antonio Porto

Rua da Alfandega 42, 2.º andar, sala 5

PHARMACIA LA VRADIO

José Nunes & C.

Drogas e productos chimicos a preços sem rival

Rua do Laabradio 147 -- Consultas gratis todos os dias

OFFICINA DE ENCADERNAÇÃO E DOURAÇÃO

Executam-se quaesquer trabalhos, como sejam: Carteiras, Pastas de fantasia em Marroquim e Mosaico, em baixo e alto relevo

Douração de quaesquer especie, encadernação simples e pastas de amostras

Agostinho Santos da Costa & C.

48, Rua da Prainha, 48

ENVERNISAM-SE MAPPAS 0-0-0-0-0-0 RIO DE JANEIRO

Attende-se chamados a domicilio, preços reduzidos.

UMA CASA FELIZ

Fernandes & C.

Commissões e descontos e bilhetes de loterias

Rua do Ouvidor 106
Praça II de Junho 51 e 53

Filiaes

Rua do Ouvidor 181

S. PAULO

Rua 15 Novembro 50

Os premios são pagos logo
apos as extracções

Telephone n. 2051 - Norte

AVISO - Não fornecemos bilhetes
para o interior

185 e 139

Rua do Ouvidor

Loterias e Commissões

As casas que mais vantagens offerecem a
seus freguezes

PAGAMENTOS ADIANTADOS

Estas casas não tem filiaes

Paramos, Senna & C.

Casa de Penhores

JOSE CAHEN

7, RUA SILVA JARDIM, 7

Antiga Travessa da Barreira

RIO DE JANEIRO

Aberto até ás 10 horas

CASA GUIMARÃES

LOTERIAS

Sempre são contem-
pladas pela fortuna as
pessoas que adquirem
bilhetes nesta feliz
casa.

ROSARIO, 71

Canto do Beco das Casellas

Caixa 1273

LOPES

E' quem dá a fortuna mais rapida nas loterias e
offerece mais vantagens ao publico

MATRIZ :

151 - Rua do Ouvidor - 151

FILIAES :

Rua da Quitanda 79; rua General Camara 363, rua 1 de Março 53 e Largo do Estacio de Sá 89.—Nos Estados: S. PAULO, rua São Bento 15 A
—E DO RIO, Campos, rua Treze de Maio 51—Macahé
Avenida R. Barbosa 123—Petropolis, Avenida 15 de Novembro 848.

Lloyd Brasileiro

Serviço Geral de Navegação Brasileira

PRAÇA SERVULO DOURADO

(ENTRE OUVIDOR E ROSARIO) Tel. 2401, Norte

LINHAS POSTAES

LINHA DO NORTE: — Sábidas do Rio todas as quartas-feiras, ás 10 horas, escalando em Victoria, Bahia, Maceió, Recife, Cabedello, Natal, Ceará, Tutoya, Maranhão, Pará, Santarem, Obidos, Parintins, Itacoatiara e Manaus.

LINHA NORTE-SUL— Seção Norte — O paquete ITAPUCA sahirá sabbado, 20 do corrente ás 10 horas escalando em Victoria, Bahia, Maceió, Recife, Cabedello, e Macau.

LINHA DO SUL — O paquete ITATINGA, sahirá no dia 23 do corrente, escalando em Santos,

Paranaguá, Antunina, S. Francisco, Itajahy, Florianopolis, Rio Grande e Montevidec, ás 10 horas.

LINHA NORTE-SUL— Seção Sul: — O paquete ITAGIBA, sahirá sexta-feira, 20 do corrente, ás 10 horas, escalando em Santos, Paranaguá, S. Francisco, Florianopolis, Rio Grande, Pelotas e Porto Alegre.

LINHA DE SERGIPE—O paquete ITAPACY, sahirá terça feira 31 do corrente, ás 4 horas, escalando em Victoria, Bahia, Aracajú, Penedo, Maceió e Recife.

LINHA DA BAHIA—O paquete AYMORE' sahirá quarta-feira 24' do corrente, ás 4 horas

da tarde, escalando em Cabo Frio Itapemirim, Piuma, Benevente, Guarapary, Victoria, Caravella, Ponta d'Areia, Ilhêos e Bahia.

LINHA DO PARANA'— O paquete OYAPOCK, sahirá no dia 27 do corrente, ás 7 horas da manhã, escalando em Angra dos Reis, Paraty, Ubatuba, Caraguatuba, Villa Bella, São Sebastião, Santos, Cananéa, Iguape, Paranaguá e Guaratuba.

AVISO — As pessoas que queiram ir a bordo dos paquetes levar ou receber passageiros, deverão solicitar cartões de ingresso na Sub-Directoria do Tráfego.



Loterias da Capital Federal



Companhia de Loterias Nacionaes do Brazil

Extracções publicas, sob a fiscalização do Governo Federal, ás 2 1/2 horas e aos sabbados ás 3 horas, á rua Visconde de Itaborahy 45

SABBADO, 21 de Julho

50:000\$000

Por 4\$000—Quintos 800 rs.

Sabbado, 28 de Julho

50:000\$000 *Por 8\$000
Decimos 800 rs.*

Sabbado, 11 de Agosto

A's 3 horas da tarde Grande e Extraordinaria Loteria

200:000\$000

— Por 16\$000 em vigesimos

Chamamos a attenção para estes novos planos

Os pedidos de bilhetes do interior devem ser acompanhados de mais \$700 para o porte do Correio e dirigidos aos agentes Geraes, NAZARETH & C., rua do Ouvidor n. 91, caixa postal n. 827, Teleg. LUSVEL, e a casa F. Guimarães, rua do do Rosario n. 71, esquina do becco das Cancellas, Caixa do Correio n. 1273.



Para Atrahir Facilmente Dinheiro-Saude-Felicidade. Uzae os Accumuladores Mentaes

Concedem, de um modo pratico e em pouco tempo, dons irrozistiveis para a cura de dores e dooças, desenvolvimento do poder psychico ou magnetico, transmissão do pensamento a distancia, hypnotismo, auto-sugestão; inspirar amor, concordia ou amizade; desfazer influencias nocivas de inveja, odio ou quebranto; preservar de loucura, epilepsia, hysteria ou molestias nervozas; neutralizar os mais presagnos; adivinhar; corrigir vicios; favorecer a sorte ou qualquer negocio; produzir, omnia, o bem-estar ou a felicidade em todos os sentidos. O medico, o sacerdote, o lavrador, o militar, o maritimo, o professor, o comerciante, o jurista, o financeiro, o empregado, o operario, e mesmo qualquer senhora, lucrarno extraordinariamente com estes Accumuladores.

Um Accumulador azinho dá resultado; mas os dois (Ns. 5 e 6), quando estão reunidos em poder de uma mesma pessoa, sae muito mais efficaz para qualquer fim. Resultados garantidos por notabilidades. Preço de cada um, 33\$000 rs. (dinheiro brasileiro), ou 55 francos. Faz-se pelo mesmo preço a remessa pelo correio, com todas as instruções em portuguez. Os pedidos de fora devem ser enviados com as importancias em vale postal ou carta de valor registrado.

LAWRENCE & C.
45-Rua da Assembléa-48
RIO DE JANEIRO-BRAZIL

Enviae mil réis de selos dentro de carta, e receberets um Magazine completo